

Manuella Tebet Gonçalves

MÍSTICO E MÁGICO

VIA DE DENÚNCIA À TRAIÇÃO DOS IDEAIS DE CABRAL EM *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS

Mestre em literatura,
cultura e contemporaneidade,
pesquisadora das literaturas africanas
e professora de língua portuguesa.

Resumo

O presente artigo apresenta como objetivo central examinar o romance *Kikia matcho* (2010), do escritor guineense Filinto de Barros, trabalhando a hipótese de que os elementos da tradição cultural guineense possuem relação com o contexto político abordado na obra desse autor. A narrativa de Filinto de Barros aborda a desilusão dos ex-combatentes, que encabeçaram a luta pela independência, com a chegada do novo governo após o golpe de 1980, que acentuou as dificuldades econômicas e sociais sofridas pelo jovem estado-nação. Buscaremos demonstrar que os elementos da tradição, nomeados neste trabalho como “o místico e o mágico”, funcionam como elementos de resistência ao denunciar a estrutura que levou ao desalento.

Recebido em: 21/08/2024

Aceito em: 27/11/2024

Revista Escrita.
Rio de Janeiro,
v. 29, 2024.
ISSN: 1679-6888

Palavras-chave

Literatura guineense. *Kikia matcho*. Filinto de Barros. Amílcar Cabral. Guiné-Bissau.

Introdução

Publicado pela primeira vez em 1997, *Kikia matcho* (2010) é definido por seu autor, Filinto de Barros, como: “um pequeno exercício de ficção. Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem política, tão somente uma abordagem que se pretende dinâmica e existencial do processo de síntese sociocultural de um povo” (BARROS, 2010, n.p.). Nessa tal abordagem, o autor constrói uma narrativa ambientada na Guiné-Bissau de meados dos anos 80, ou seja, no período pós-independência. A principal linha de força do

livro é conduzida por um narrador em terceira pessoa que expõe ao leitor a precária vida dos ex-combatentes guineenses que encabeçaram a luta pela libertação colonial, sendo um deles o personagem Papai, central na narrativa de Filinto de Barros, que ao lado dos jovens António Benaf e Joana, busca compreender os mistérios que envolvem a morte de seu companheiro de guerrilha, N'Dingui.

Cada um dos treze capítulos da obra é dedicado a um dos três personagens citados acima, que pertencem a duas gerações distintas, a dos mais velhos (representada por Papai e por outros ex-combatentes) e a dos mais jovens (representada pelos personagens António e Joana). Essa configuração permite ao leitor acompanhar o desenrolar da narrativa sob a ótica daqueles que estão mais próximos à modernidade (os mais jovens) e daqueles que ainda trazem consigo o saber da tradição (os mais velhos). Com a morte de N'Dingui, já anunciada nas primeiras linhas do romance, se encontram em tensão tradição e modernidade com a aparição dos elementos que estamos chamando de "místico e mágico", a saber, a figura do *kikia matcho*,¹ dos *irãs*,² dos *kassissas*,³ do *toka-tchur*⁴ e dos *djambacus*,⁵ cada qual manifestando uma mensagem de denúncia relacionada à traição dos ideais cabralinos no pós-independência, como o suicídio da pequena burguesia, cujo cerne era a identificação dessa classe com a causa do trabalhador, e a resistência cultural, que tinha como propósito maior a valorização da cultura tradicional africana como uma das formas de eliminar a influência colonialista, mesmo após a libertação. Essa é a discussão central deste trabalho, que buscará relacionar a tradição com o contexto político da obra.

De antemão, destacamos que o suicídio da pequena burguesia (CABRAL, 2014) será um conceito utilizado para pensar os representantes do novo governo guineense e da elite formada após a independência, identificada como os "comandantes" na narrativa de Filinto de Barros. Mesmo sem a presença física do colonizador, opressões exercidas por ele se mantiveram, centradas nas mãos dos novos senhores. Em algumas passagens da obra, é possível identificar que a ascensão ao poder não só limou a consciência de classe da nova elite burguesa, mas também aparentou ser impossível seu suicídio e identificação com a luta do trabalhador

Chão-de-Papel, bairro antigo, mas pitoresco, entre tantos outros que caracterizam a cidade de Bissau, destituído de qualquer sistema de saneamento básico, praticamente sem água potável e canalizada, sem luz, e casas de barro empilhadas umas em cima das outras.

O bairro era antigo, talvez dos mais antigos da cidade e, com o avanço do alcatrão, a superfície que mantinha o típico dos

¹ Do crioulo guineense "coruja".

² Entidades espirituais da religião animista.

³ Do crioulo guineense "alma penada".

⁴ Cerimônia fúnebre.

⁵ Sacerdotes do animismo, responsáveis pelo contato dos humanos com os irãs.

anos trinta/quarenta ia diminuindo, apesar da luta que os moradores levavam contra a ingratidão dos novos senhores que, tendo saído do Bairro, teimavam em desenvolver prioritariamente os outros locais que de história só tinham o facto de serem dormitórios dos novos cidadãos.

Santos de casa não fazem milagres, e assim o berço das grandes famílias crioulas estava condenado ao desaparecimento (BARROS, 2010, p. 14 e 15).

A negligência dos novos governantes não apenas condenava os mais pobres a permanecerem na pobreza, mas também colocava em risco a existência de territórios considerados tradicionais para as famílias locais, que tinham importante ligação com seu lugar de origem. Além disso, outro conceito que será abordado para pensar este romance é o da resistência cultural (CABRAL, 1979), que priorizava, sobretudo, a valorização dos saberes e dos elementos culturais advindos dos povos autóctones como uma das principais forças para vencer a presença física e simbólica do colonizador. Desvirtuando esse ideal, os comandantes se aproximavam cada vez mais das formas de opressão colonial, que coíbiavam as manifestações da cultura tradicional em detrimento da imposição de certos padrões de vida típicos dos portugueses, como o uso do idioma português, a mudança de nome próprio, de vestuário, de religião, entre outras coisas. Essas imposições eram conhecidas como “assimilação cultural”, processo através do qual os nativos eram forçados a passar para se integrar aos valores da cultura do explorador.

Dito isso, o pensamento de Amílcar Cabral é importante para compreender essa nova elite burguesa que o romance apresenta, muito identificada com o colonizador, e que tem correspondência no real ao olharmos para a história da própria Guiné (e de demais países africanos, como Angola e Moçambique), que encontraram descompassos entre o discurso revolucionário e a realidade pós-independência.

Amílcar Lopes da Costa Cabral nasceu no ano de 1924, em Bafatá, na então Guiné Portuguesa. Engenheiro agrônomo de formação, Cabral integrou a importante Casa dos Estudantes do Império, na qual idealizou e compartilhou com outros jovens, vindos de outras colônias portuguesas, ideais de libertação nacional, teorias de alinhamento marxista e frentes de luta, como a defesa da reafricanização dos espíritos. Além disso, um dos maiores feitos de Amílcar Cabral foi a fundação do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), partido através do qual recrutou camaradas e tomou a frente na luta armada pelas independências e que tinha o lema “unidade e luta”. O líder do PAIGC

também é conhecido por ser um defensor da descolonização mental como principal meio para vencer o colonialismo.

Educação e cultura são pedras elementares do pensamento cabralino. Em *Análise de alguns tipos de resistência* (1979), texto que surgiu a partir da transcrição do discurso de Amílcar Cabral no Seminário de Quadros, de 1969, são elaboradas algumas formas de resistência, entre elas a política, a econômica, a armada e a cultural. Há uma célebre frase de Cabral que dá a dimensão da valorização da cultura tão defendida por ele, a saber: “a libertação nacional é, necessariamente, um ato de cultura” (CABRAL, 1979, p. 59). Em suma, Cabral acreditava que só se podia liquidar o pensamento e as heranças do colonialismo se a cultura local fosse fortalecida, uma vez que é por meio do conhecimento e da valorização das práticas, das sabedorias, das tradições e da história que um povo pode reba-ter, por exemplo, noções perversamente elaboradas como a de que “a África não existe”, tal como propalava Salazar, ditador português (CABRAL, 1979).

Amílcar Cabral foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973, oito meses antes de a Guiné-Bissau conquistar sua independência. Ao fim da guerra colonial, Luís Cabral, irmão de Amílcar Cabral, assumiu o poder na Guiné. Porém, no dia 14 de novembro de 1980, sofreu um golpe militar liderado por João Bernardo Vieira, conhecido como “Nino Vieira”, que também pertencia ao PAIGC. O governo de Nino gerou um sentimento de traição nos ex-combatentes, que se encontraram em condições de vida precária, sem quaisquer subsídios, programas, políticas ou outras ações que pudessem amparar e valorizar aqueles que, um dia, foram os heróis nacionais. Esse cenário serviu de inspiração para o enredo de *Kikia matcho* (2010), que aborda, como o próprio subtítulo registra, “o desalento do combatente”. Nino Vieira não é mencionado diretamente no romance, mas os “novos senhores” aparecem como aqueles que traíram os ex-combatentes, já que estiveram ao lado deles durante a Luta, mas, após a libertação, ajudaram a erguer um Estado que não garantia o mínimo de condição para a subsistência dos antigos companheiros, fornecendo a eles apenas uma mísera pensão, chamada “pensão de combatente”, cujo valor é inferior ao do saco de arroz. Além disso, não havia por parte desse governo uma fiscalização de quem poderia receber essa pensão, o que fazia com que o fundo ficasse ainda mais escasso e sem ajustes.

Também sob o poder de Nino, os chamados “comandantes”, que eram uma minoria, podiam usufruir de bons automóveis, boas casas e bons cargos no governo. Os comandantes eram aqueles que compactuavam com a gestão de Nino, que, ao fim e ao cabo, acabava por reproduzir, em sua própria nação, violências herdadas

³ Texto original: “Subjectivity is so important to the essay that Montaigne’s motto was, famously, ‘I am myself the matter of my book’, he wrote not in order to ‘pretend to discover things, but to lay open myself’”

do colonialismo sob nova roupagem.

Dentro desse panorama do “pequeno exercício de ficção” de Filinto de Barros, surge a figura do revolucionário e emblemático Amílcar Cabral, lembrado saudosamente pelos ex-combatentes, que conjecturavam o que ele faria ao presenciar tamanho descompasso entre a nova realidade guineense com o que fora propalado durante a luta.

Dito isso, o romance de Filinto de Barros parece estar de acordo com os princípios do camarada Cabral, não só por ficcionalizar de maneira vigorosa dados do real do contexto histórico dos anos 80, mas também por dar protagonismo à tradição cultural guineense, às superstições, à religião, aos ritos... A ave de mau agouro, título do livro, *kikia matcho*, é também mensageira da morte, e esta surge nas entrelinhas, de maneira simbólica, ao se relacionar com o esquecimento dos ideais de Cabral.

Kikia matcho: o desalento do combatente: breve panorama

No ano de 1997 foi publicada a primeira edição de *Kikia matcho* pelo Instituto Camões. A segunda edição, já em 2010, foi feita pelo Editorial Caminho. Ambas as editoras são portuguesas, dado que dimensiona a dificuldade de acesso à obra nos demais países que têm como língua o português. De antemão, podemos concluir que a quantidade de estudos sobre este romance de Filinto de Barros não é robusta, e essa afirmação é comprovada pela fortuna crítica da obra no Brasil, que conta com apenas nove textos, dentre eles capítulos de livros, teses, dissertações e artigos.⁶

Narrado em terceira pessoa, *Kikia matcho* (2010) possui alguns personagens centrais, que são de duas diferentes gerações: os mais velhos e os mais jovens, como já mencionamos na introdução deste trabalho. A narrativa é iniciada já com a morte de N’Dingui Có, que foi um combatente na luta pela independência. Seu sobrinho, o jovem António Benaf, recebe através do rádio a notícia.

António Benaf é um jovem guineense que retornou ao país natal após concluir seus estudos na Bulgária. Com seu diploma e título de doutor, aspirava a um cargo junto aos comandantes no novo governo guineense, já sob o poder de Nino. Benaf aparece diversas vezes em conflito com a realidade de seu país natal e com o que vivenciou na Europa, e, diante disso, não hesita em fazer comparações, se colocando no lugar comum de associar a África ao atraso e a Europa ao progresso

Ninguém era pobre num ambiente de pobreza. As pessoas pareciam felizes com o que tinham e ninguém exigia, por não ter conhecimento do que exigir.

⁶ Destaco as dissertações *Pequena longa viagem da literatura guineense*, de Eliseu José Pereira Lé (2019) e *A construção literária do estado-nação em Angola e Guiné-Bissau: um estudo comparativo entre A geração da utopia e Kikia Matcho*, de Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes Cá (2021) e a tese *Representações do intelectual: um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho*, de Jorge de Nascimento Nonato Otinta (2011).

Só que agora Benaf conhecia outras realidades. Viveu na Europa, contactou com realidades diferentes, viu e provou a riqueza, o bem-estar, os criados mecânicos utilizando quantidades substanciais de energia de todas as formas possíveis.

Benaf podia comparar e instintivamente comparou, e por isso se escandalizou porque a ele, o escândalo da extrema pobreza escandalizava (BARROS, 2010, p. 44 e 45).

A respeito de recortes como esse, o escritor e ativista político Steve Biko firmou uma crítica com relação aos jovens negros que se formaram em instituições ou em espaços considerados coloniais. Em seu livro *Escrevo o que eu quero* (1990), Biko afirma que esses locais impedem a emergência de práticas e de programas que poderiam provocar mudanças efetivas na qualidade de vida desses jovens negros e de seus países de origem, já que estão em coabitação com os brancos, que são maioria nesses territórios e instituições coloniais, cujos interesses, em geral, divergem da agenda anticolonial, antirracista e afins. Steve Biko (1990), então, defende e encoraja jovens negros a elaborarem um programa que seja capaz de derrotar o sentimento psicológico de inferioridade que atua contra eles, sentimento que é produzido e cultivado deliberadamente pelo sistema, e que os impede de ir justamente contra esse sistema. Nesse sentido, aproximamos o pensamento deste intelectual ao de Amílcar Cabral no momento em que defende que a reafirmação dos espíritos precisa resistir, pois essa resistência é o fator determinante da descolonização mental e da aniquilação do domínio colonialista, que depende, claro, intrinsecamente de um dominado. Segundo Cabral,

No âmbito geral da contestação do período colonial imperialista e nas condições concretas a que nos referimos, verifica-se que, entre os mais fiéis aliados do opressor encontram-se alguns altos funcionários e intelectuais de profissão liberal, assimilados, e um elevado número de representantes da classe dirigente dos meios rurais. Se esse facto da uma medida da influência (negativa ou positiva) da cultura e dos preconceitos culturais do problema da opção política face ao movimento de libertação, revela igualmente os limites dessa influência e a supremacia do factor classe no comportamento das diversas categorias sociais. O alto funcionário ou o intelectual assimilado, caracterizado por uma total alienação cultural, identifica-se, na opção política, com o chefe tradicional ou religioso, que não sofreu qualquer influência cultural significativa estrangeira. É que essas duas categorias colocam acima de todos os dados ou solicitações de natureza cultural - e contra as aspirações do povo - os seus privilégios

econômicos e sociais, os seus interesses de classe. Eis uma verdade que o movimento de libertação não pode ignorar, sob pena de trair os objetivos econômicos, políticos, sociais e culturais da luta (CABRAL, 1999, p. 109).

Nesse sentido, o não reafrikanizado se torna um alienado e, assim, passa a reproduzir violências e a garantir a manutenção de preconceitos e de práticas coloniais sobre o próprio povo. Tanto Biko (1990) quanto Cabral (1999) destacam a importância do combate à assimilação cultural por meio de um olhar que retorne às raízes das culturas africanas livres da influência colonialista, e a importância dos jovens nesse processo fundamental, uma vez que é comum a essa geração migrar para a Europa, principalmente para fins de formação acadêmica, e, ao retornarem ao país de origem, passam a integrar a elite intelectual.

Além de António Benaf, outra personagem que representa os mais jovens no romance é sua prima Joana. Mulher guineense, enfermeira de formação, Joana decidiu sair da Guiné-Bissau após perder seu emprego para tentar melhorar suas condições de vida em Portugal. Nessa afrodíaspóra, enfrenta situações de violência, como racismo cotidiano, xenofobia, desemprego e fome. A personagem, ao se deparar com a desilusão da realidade portuguesa, se conforma com a situação de miséria, porém, por vezes, se mostra esperançosa quanto a uma possível mudança de vida no território português onde pretende “ganhar dinheiro seja como for” (BARROS, 2010, p. 22).

Pedrito, filho de Joana, é fruto de uma relação que gera arrependimento na mãe. No precário edifício que habita com demais imigrantes guineenses, eram comuns noites regadas a álcool e, conseqüentemente, a infortúnios e a acidentes. Pedrito nasceu em uma dessas noites. Joana prefere não revelar ao filho quem é seu pai, e, o menino, além dessa falta, enfrenta também o racismo e a experiência de não ser reconhecido como um cidadão português que de fato é, ou como um “afropeo”, termo cunhado por Léonora Miano, em seu livro *Habiter la frontière* (2012), que diz sobre

[...] o amadurecimento progressivo da jornada identitária que denomino “Afropea”, um lugar imaterial, interior, no qual as tradições, as memórias, as culturas das quais são depositárias se casam, cada uma tendo o mesmo valor. Afropea é, na França, o território mental concedido a quem não consegue afirmar “origem” francesa. É a legitimidade da identidade “arrancada”, e é a superação de antigos ressentimentos (MIANO apud COSTE, 2020, p. 20, tradução nossa).⁷

Nesse sentido, tanto Joana quanto Pedrito estão em constante disputa por esse território imaterial que lhes é posto em tensão

⁷ Do original: “C’est cette maturation progressive de leur parcours identitaire que j’appelle Afropea, un lieu immatériel, intérieur, où les traditions, les mémoires, les cultures dont ils sont dépositaires, s’épousent, chacune ayant la même valeur. Afropea, c’est, en France, le territoire mental que se donnent ceux qui ne peuvent faire valoir la souche française. C’est la légitimité identitaire arrachée, et c’est le dépassement des vieilles rancœurs”.

nas diversas situações de racismo e de xenofobia enfrentadas pelos dois em Portugal.

O eldorado português foi sol de pouca dura. Em Lisboa, Joana teve a recebê-la um quarto numa casa em demolição na Avenida Sá da Bandeira. Ali, foi obrigada a coabitar com conterrâneos oriundos de camadas sociais diferentes da sua. [...] com o tempo, Joana aprendeu que a miséria era o único momento de igualitarismo.

Corridos da cidade de Lisboa de Portugal, foram parar ao ghetto da Quinta dos Mochos! Construções clandestinas, abandonadas pelos seus proprietários, sem portas nem janelas, escadas sem corrimão. Água, luz e infraestrutura sanitárias eram uma miragem! Que diferença com a vida que ela levava em Bissau! Na terra natal tinha instalação elétrica, mas a luz vinha de dois em dois dias. [...] aqui, longe da sua gente, Joana, como tantos outros, alimentava-se da esperança de um dia poder viver como os ricos. Ao menos via a riqueza passear ao lado, nos belos automóveis, arranha-céus, bancos e cinemas. Portanto, tinha o direito de sonhar, um direito que em nome da miséria lhe era negado em Bissau. (BARROS, 2010, p. 22 a 24).

Outro personagem central do romance, Papai, companheiro de luta do falecido N'Dingui, é um senhor de 60 anos, saudosista, sonhador e que, com frequência, conta com sua rara alegria histórias dos tempos da Luta. Assim como ele, havia os outros ex-combatentes, que tinham em comum a precária condição de vida, agravada pelo alcoolismo, única "saída" que os restou, pois era na *tasca* (bar) de Mana Tchambú que se encontravam para tentar suportar o estado desalentado que os acometia, através das memórias, das discussões e da exposição da desilusão com os novos tempos.

Papai e os ex-combatentes "gozam" do único subsídio que o Estado lhes oferece, a chamada "pensão de combatente", cujo valor era inferior ao do saco de arroz (BARROS, 2010). É por meio deste personagem, e, em proporções menores, dos outros ex-combatentes, que acontecimentos históricos da Guiné-Bissau aparecem rememorados, fornecendo ao leitor datas emblemáticas, como o massacre de Pindjiguiti, no qual 50 marinheiros foram assassinados pelos portugueses ao reivindicarem melhorias salariais.

Diante disso, podemos concluir que o que une essas duas diferentes gerações é a mesma condição de dificuldade e de escassez de uma realização plena de suas vidas em seu território, já sem a presença do colonizador português, mas ainda muito reprodutor de seu legado violento, baseado também no privilégio de poucos em detrimento do sofrimento de muitos. Ao chegar ao poder, invertem-

do o lema do PAIGC, “unidade e luta”, o presidente guineense continua girando a máquina da assimilação cultural, à sua maneira. Dito isso, podemos, agora, expor alguns dos ideais de Amílcar Cabral que aparecem em conflito com os rumos traçados pelo seu país, em *Kikia matcho* (2010).

Os ideais de Cabral

Nesta seção, discorreremos sobre dois ideais de Amílcar Cabral importantes na narrativa de *Kikia matcho* (2010) porque são categóricos e didáticos (traços comuns da prática do revolucionário) e facilmente associados ao contexto narrativo. O primeiro deles é o próprio lema do PAIGC, “unidade e luta”, e o segundo é o “suicídio da pequena burguesia”.

Cabral, inicialmente, explica de forma separada o sentido de unidade e de luta. Nas palavras dele,

o sentido de unidade que vemos no nosso princípio é o seguinte: qualquer que sejam as diferenças que existem, é preciso ser um só, um conjunto, para realizar um dado objectivo. Quer dizer, no nosso princípio, Unidade é no sentido dinâmico, que quer dizer de movimento (CABRAL, 1974, p. 2).

Já de início, destacamos o impasse apresentado no texto de Filinto de Barros com o sentido de unidade. De maneira mais evidente, a unidade se rompe no golpe do 14 de novembro de 1980, quando um membro do próprio partido se vira contra seu companheiro Luís Cabral. No romance, a data é mencionada algumas vezes, principalmente como pivô dos descaminhos entre a revolução e o pós-independência. Além disso, é após o 14 de novembro que os ex-combatentes caem em desgraça, seguindo pelo caminho do álcool, adoecendo e morrendo (BARROS, 2010).

Por sua vez, o sentido de luta, para Cabral, surgiu com a criação do Partido. Segundo ele, a luta é “uma força nova que se opôs à força colonialista. O problema é de saber, na prática, se essa força unida do nosso povo pode vencer a força colonialista: isso é que é a nossa luta. Isso é o que nós chamamos Luta” (CABRAL, 1974, p. 5).

Mesmo após derrotar os colonialistas e expulsá-los do território independente, era preciso travar, ainda, outra luta, chamada de “luta simbólica”, que podemos compreender a partir da seguinte explicação dada pelo importante cineasta guineense Flora Gomes

[...] ainda falta libertar a mente do homem guineense do medo, do complexo, da ignorância, do medo porque o outro é mais alto ou é menor, do medo porque o outro é mais rico. Cabe a nós cumprir essa parte da luta simbólica que o Cabral

não conseguiu cumprir, porque o matamos antes do tempo (GOMES; OLIVEIRA, 2016, p. 15).

A morte de Cabral “antes do tempo” é uma afirmação que possui duplo sentido, o primeiro é literal, porque o líder foi assassinado, por membros do próprio partido, no ano de 1973 (oito meses antes de a Guiné-Bissau conquistar sua independência), e o segundo é simbólico, porque carrega consigo a morte de seus ideais, que não foram plenamente desenvolvidos. A esse respeito, temos o seguinte diálogo em *Kikia matcho* (2010)

A impressão que me fica é que a cada dia que passa nós matamos Cabral e receio que colocar a estátua dele, agora, não seja mais do que uma sessão de assassinato a Cabral.

— Cabral está lá em cima, na Amura, a olhar para nós e a escutar-nos. Às vezes pergunto-me se não seria melhor atirar como o seu cadáver ao rio Geba... Ao menos aí ele iria viver em paz e ser poupado de assistir ao eterno filme da sua morte (BARROS, 2010, p. 110).

O eterno filme da morte de Cabral pode ser compreendido como uma metáfora para desvio de seu legado, que se relaciona com sua morte precoce.

Por fim, o sentido de “unidade e luta”, agora juntos, é definido por Cabral da seguinte forma: “unidade e luta quer dizer que para lutar é preciso unidade, mas para ter unidade também é preciso lutar. [...]. Unidade para lutarmos contra os colonialistas e luta para realizarmos a nossa unidade, para construirmos a nossa terra como deve ser” (CABRAL, 1974, p. 5).

Nota-se que, com a figura de Nino, há um esfacelamento do sentido de unidade (principalmente este) e de luta pensados e defendidos por Cabral. Com aqueles que compactuavam com o novo governo, os “comandantes”, se tem uma reprodução do comportamento da elite colonial, e isso se traduz em violência, manutenção de desigualdades, promoção de corrupção entre outras coisas. Isso está relacionado a outra pauta defendida por Cabral, que é o “suicídio da pequena burguesia”, aparecendo já nas primeiras páginas de *Kikia matcho* (2010) como

em vez de suicídio da classe pequeno burguesa, tão caro a Cabral, deu-se o aburguesamento do campesinato [...], consequência da mudança de ideais dos revolucionários após seu contato com a cidade, com os seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar-condicionado, suas meninas de esmeralda educação e, sobretudo, de tez clara (BARROS, 2010, p. 20).

A defesa de Cabral era no sentido de atribuir à pequena burguesia nacional a responsabilidade histórica de se aliar à causa revolucionária ao lado das classes trabalhadoras, dessa forma colocaria fim ao dilema de trair a revolução e de reproduzir as opressões coloniais ao se suicidar enquanto classe. Nas palavras dele,

[...] para desempenhar perfeitamente o papel que lhe cabe na luta de libertação nacional, a pequena burguesia revolucionária deve ser capaz de se suicidar como classe, para ressuscitar como trabalhador revolucionário, inteiramente identificada com as aspirações mais profundas do povo a que pertence (CABRAL, 2014, on-line).

Mas como isso é denunciado no romance? É pela via da tradição, que estamos identificando neste artigo como místico e mágico, tais como a coruja, as almas penadas, os representantes da religião tradicional, entre outros. Entendemos que esses elementos surgem como uma das formas de representar o que Amílcar Cabral entendia como resistência cultural (1979), que era uma das principais armas para vencer a presença física e, principalmente, simbólica do colonizador.

Via de denúncia: o místico e o mágico

Nesta seção, abordaremos os elementos do místico e do mágico, que entendemos também como tradição cultural, e a mensagem trazida por eles. Essa abordagem foi escolhida porque esses elementos surgem no enredo da obra não ao acaso, mas de maneira que comunicam algo. Eles são, especificamente, o *kikia* (coruja), os *kassissas* (almas penadas), os *irãs* (entidades do animismo), os *djambacus* (sacerdotes da religião animista) e o *toka tchur* (ritual fúnebre). Todos eles compõem parte das crenças tradicionais da Guiné-Bissau, alguns, como o *kikia*, se relacionam com a superstição. Sua relação com o místico, ou com o mistério, é muito próxima dado o nível de opacidade de suas simbologias, que, dentro do romance, não são facilmente decifradas pelos personagens.

Neste momento, cabe fazer um pequeno parêntese para mencionar que é importante discutir o místico e o mágico como dados do real do autor Filinto de Barros e dos guineenses, nos colocando em oposição ao olhar exótico e fetichista, no sentido pejorativo, que podem recair em más interpretações. A respeito dessa confluência entre realidade e ficção, nos é útil a proposição do professor Antonio Candido sobre a "redução estrutural", utilizada para pensar a literatura e a realidade social como influenciáveis entre si, se constituindo uma da outra. Segundo ele, a "redução estrutural" é "o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se

torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo" (CANDIDO, 1993, p. 9). Afirmado isso, partiremos dos dados presentes no texto literário de Filinto de Barros para compreender a realidade local abordada na trama e no seu intertexto com a sociedade guineense em meados dos anos 80.

Começemos com o *kikia matcho*. Considerada uma ave de mau agoiro, os mistérios que envolvem sua aparição tensionam as relações entre tradição e modernidade para os personagens das duas diferentes gerações, dado que para alguns ela não passa de uma ave, e, para outros, é mensageira da morte. A aparição do *kikia* acontece no dia da morte do ex-combatente, N'Dingui (que morreu de causas naturais), portanto, a mensagem trazida pela ave tem ligação com a morte desse personagem. O *kikia* aparece pela primeira vez para o jovem António Benaf após saber da morte de seu tio pelo rádio. Benaf

olhou para o relógio, o rádio portátil e decidiu partir, sem antes ter atirado uma pedra para afugentar um mocho - *kikia*, para os da terra - que teimava em poisar na janela do seu quarto. Benaf achou estranho uma ave noturna a voar àquela hora da tarde, mas limitou-se a atirar a pedra (BARROS, 2010, p. 8).

Essa reação de António é justificada por uma de suas principais características, o ceticismo. Além disso, Benaf é o personagem mais assimilado culturalmente, definido como individualista, desinteressado nos costumes locais, desprovido de identificação com a terra natal e aspirante a um modelo de vida que reproduz valores legados da elite colonial. Para ele, a coruja não apresenta qualquer simbologia, e seu estranhamento só se deu porque a ave lhe aparece de dia, contrariamente aos seus hábitos noturnos.

O *kikia* aparece pela segunda vez para Papai, logo após voltar do velório de N'Dingui

Não precisou de vela para se estender naquilo que em tempos tinha sido uma cama com colchão de espuma. Como N'Dingui, ele vivia sozinho. Sentiu um barulho estranho, vindo da janela. O que viu deixou-o aterrorizado! Um mocho olhava fixamente para ele. Um *kikia*, ave de mau agoiro!

— Sai daí ave de mau agoiro! Não somos da mesma laia! *Futicero de n' áanha, figa canhota, cruz camarosca!* Enquanto dizia estas palavras de maldição que lhe haviam ensinado em criança, Papai fechou a janela com toda a força, porque teimosamente a ave não queria fugir (BARROS, 2010, p. 37).

Apesar de não acreditar nessas coisas (BARROS, 2010), Papai logo tocou a ave gritando sua fama de agourenta, o que mostra que ele não era tão cético assim. Ao contrário de António, Papai foi em busca de compreender os significados dessa aparição recorrendo a uma *djambacus*.

A última aparição do *kikia* é para Joana, sobrinha de N'Dingui

— O que é estranho mas mesmo muito estranho é que ontem sonhei com o meu tio e hoje recebo a trágica notícia da sua morte!

— Se calhar o homem veio até aqui para se despedir de ti. Dizem que no caminho do Além não existem fronteiras.

— Conta lá o sonho. Ele falou contigo?

— Foi um sonho diferente, anormal, muito atormentado. Via a cara do tio mas o corpo não era de homem, mas sim de mocho!

— Um *kikia*? Com cara de homem?! Um *kikia matcho*?!

— Porquê?

— Ah! É melhor tratares disso. Aconselho-te a ir ter com Nha Maria Amélia, a *djambacus* do Laranjeiro, porque *kikia matcho* não é boa coisa, não! (BARROS, 2010, p. 80).

Diante do sonho que a atormentou e dos conselhos de seus conterrâneos, Joana recorre aos saberes tradicionais de sua terra ao se consultar com uma *djambacus* que também vivia em Portugal, assim como fez Papai na Guiné.

Nossa interpretação do *kikia* é que ele funciona como um mensageiro dos rumos que a Guiné-Bissau tomou após sua independência, simbolizando, tal como sua fama, a morte dos ideais cabralinos e prenunciando o destino trágico que assombraria a Guiné (de que falaremos mais adiante), pois ele é o primeiro elemento místico a surgir no romance.

O *toka-tchur* é o segundo elemento de que trataremos. Segundo os pesquisadores Miguel de Barros e Mônica Vaz, o *toka tchur*

pode acontecer logo após o enterro, ou no fim do choro, como também pode levar anos para ser realizado consoante as condições económico-financeiras da família enlutada. Este ritual é antecedido com auscultações aos irãs (divindades) e balobas (santuários) guardiãs da linhagem para se definir onde a cerimónia deve decorrer e quem deve tocar o choro. A sessão dura quatro dias: o primeiro e o segundo dia são os mais sagrados, nos quais se afixa o bombolom, sacrificam-se os animais, derrama-se a aguardente, faz-se uaga bianda e pousa-se os testos na cabeceira da cama de quem morreu (BARROS; VAZ, 2020, n.p).

Essa cerimônia é praticada a fim de tornar o pensamento sobre a morte menos doloroso, pois seus adeptos acreditam numa vida após ela. O *toka-tchur* também é uma forma de honra aos mortos e respeito aos antepassados, dado de extrema importância nas religiões de matriz africana, como o candomblé, o ifá e a umbanda. O professor Jacob Obafemi Kẹhinde Olupona, em seu livro *Religiões africanas: uma brevíssima introdução* (2023), explica a importância do rito fúnebre para seus praticantes. Segundo ele, esses ritos “não só garantem que seja bem-sucedida a passagem do falecido para a vida como antepassado, mas também asseguram que ele fique satisfeito com a demonstração de amor da sua família” (OLUPONA, 2023, págs. 89 e 90).

A morte de N'Dingui é que dá início à história de *Kikia matcho* (2010), e as cerimônias fúnebres do ex-combatente foram divididas em velório, *toka-tchur* e enterro. As cerimônias aconteciam da seguinte forma

Na sua maioria mulheres de avançada idade, estendidas nas esteiras de bambu, cumpriam com o ritual de velar um defunto. Era a última homenagem que se prestava àquele que tinha sido o tio do nosso jovem licenciado e que tinha recusado ser balobero nas matas de Safim.

O que para mulheres e jogadores era um hábito, para António Benaf estava sendo um calvário. Os costumes mandavam que assim tinha que ser. Ele, o sobrinho, o parente mais próximo do malogrado, tinha que permanecer no local até ao enterro cerca de vinte e quatro horas! (BARROS, 2010, págs.10 e 11).

Além da forma como o velório acontecia, vemos a completa desconexão de António com as cerimônias, que eram de extrema importância para a etnia de seu tio, que era papel.⁸ Para o jovem, toda aquela cena explanava também a hipocrisia dos comandantes, que sequer compareceram ao velório de N'Dingui, que, nos tempos da Luta, era o último a se retirar das armadilhas plantadas pelos portugueses: “para ele, a vida dos seus homens valia mais do que a própria causa [...]. Ferido ou morto, N'Dingui tinha de confirmar sua retirada pelos camaradas, e aos mortos dava um enterro condigno” (BARROS, 2010, p. 12). Porém, diante da notícia de sua morte, o Partido enviou apenas um caixão “que nem foi feito à sua medida” (BARROS, 2010, p. 16). Dessa maneira, o *toka-tchur* de N'Dingui traz uma mensagem emblemática nas linhas do romance ao expor o descaso do Partido para com o morto, pois era o que o Partido fazia também com os vivos.

As cerimônias seguiram e, no velório, uma jovem incorpora o espírito de N'Dingui que informa que é preciso realizar uma ceri-

⁸ Um dos grupos étnicos da Guiné-Bissau.

mônia para salvar a Guiné-Bissau de um trágico destino: o de ser assombrada por *kassissas*, almas penadas, que estavam compartilhando com ele um “limbo”.

As almas que assombrariam a Guiné-Bissau são os ex-combatentes que foram acusados de serem maus na vida terrena e de compactuar com as violências do novo poder. Isso tem relação com os acontecimentos pós-independência porque aqueles que morreram antes da libertação, como Amílcar Cabral, não aparecem neste limbo dos *kassissas*. Cabral e os demais guerrilheiros que estavam livres de se tornarem almas penadas, informaram a N’Dingui, no plano pós-morte, sobre a feitura de uma cerimônia que seria a via de salvação da Guiné-Bissau, fazendo, portanto, uma interdição espiritual. Dentro do romance, esse dado é de muita importância porque o autor o utiliza como forma de exaltar o pensamento de Cabral, que defendia que todas as crenças precisavam ser respeitadas e ter condições favoráveis para serem praticadas.

Os *kassissas* são a confirmação de que aqueles que se aliaram aos novos poderosos da Guiné-Bissau estavam desvirtuando a luta travada pela libertação e travando a “libertação simbólica” de que falamos anteriormente citando Flora Gomes. O destino de se tornar uma alma penada que retornaria para assombrar os guineenses só diferencia os *kassissas* dos comandantes porque estes estão vivos.

Restaram os *djambacus* e os *irãs* como única via para informar qual cerimônia libertaria a Guiné dos *kassissas*. No estudo *Os sítios sagrados no arquipélago dos Bijagós* (2015), de Clara Saraiva, a pesquisadora define o *djambacus* como aquele que “é dotado de poderes sobrenaturais e que tem *irã* pessoal. Eles vão para o além e se comunicam com os *irãs*” (SARAIVA, 2015, p.31). Os *djambacus* são vistos também como curandeiros e sacerdotes do animismo. Já os *irãs* são definidos, no já mencionado estudo de Clara Saraiva, como “um deus menor, mais fácil de estabelecer uma relação direta com os humanos do que um Deus distante, vai de encontro à concepção geral prevalecente nas chamadas religiões tradicionais africanas, desse Deus longínquo, mas presente através da ação das entidades a que os Bijagós chamam *orebuko*” (SARAIVA, 2015, p.15).

O contato com os *irãs* é feito por intermédio dos *djambacus*, e no romance de Filinto de Barros as duas *djambacus* encontram respostas semelhantes dos seus *irãs* sobre a cerimônia: “eles, os *Irãs*, não conseguem compreender o que se irá passar. Sabem somente que é qualquer coisa de ruim nunca vista antes, e que a alma do teu tio está numa situação difícil, precisando de ajuda” (BARROS, 2010, p.145).

Em muitas passagens de *Kikia matcho* (2010), vemos a fatalidade de se esquecer os ensinamentos de Cabral, que também

levou em conta, em sua “pedagogia de guerrilha”, a relação entre homens e *irãs*

A verdade é que, para nós, a luta tem o seu aspecto de força e o seu aspecto de fraqueza. Muitos de nós acreditaram que não nos devíamos instalar em certos matos porque está lá o “*irã*”. Mas hoje, graças aos muitos “*irãs*” da nossa terra, a nossa gente entendeu, e o “*irã*” também, que o mato é do homem, e ninguém mais tem medo do mato. Até o mato de Cobia, já lá estivemos bem, tanto mais que aquele “*irã*” é nacionalista, ele “disse” claramente que os tucas têm de ir- se embora, que não têm nada que fazer na nossa terra (CABRAL, 2021, on-line).

As palavras de Cabral se relacionam com o pensamento do professor Jacob Obafemi Kẹhinde Olupona (2023), que mencionamos anteriormente, que diz sobre a importância da valorização dos antepassados, pois ela traz benefícios mútuos, tanto deles quanto dos vivos.

Os homens da Luta precisavam estar no mato e conhecer o mato, para isso não podiam temê-lo, e o *irã* precisava ceder a sua casa para um bem maior: a luta pela libertação. Ali, no mato, foi firmado um dos pontos mais emblemáticos territorialmente em nível de mobilização, guerrilha e resistência do PAIGC (GONÇALVES, 2024, p. 137).

Formado por Cabral, nosso saudoso personagem Papai: “em nome de Cabral era preciso salvar o país mais uma vez e assim cumprir mais uma palavra de ordem, agora dada ironicamente pelo seu, até há pouco tempo, amigo e companheiro de desgraça, N'Dingui, de quem os *comandantes* nem sequer se dignaram assistir ao funeral” (BARROS, 2010, p. 156), fazendo da busca por essa cerimônia uma nova luta a travar. Apesar de construir uma narrativa épica entre o discurso revolucionário e o momento pós-independência, nesse desfecho, Filinto de Barros firma seu comprometimento com Amílcar Cabral e com a história que viveu como membro do PAIGC ao dar a Papai, um dos heróis nacionais, a missão de salvar novamente seu território, não mais tendo o mato como território de guerrilha, mas o plano espiritual. A necessidade do contato com os *irãs* para a feitura da cerimônia pode ser interpretada como uma tentativa de resgate dos saberes tradicionais africanos, que era uma das principais maneiras de se livrar da mentalidade de opressão deixada pelos colonialistas.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi discutir a relação entre a tradição cultural guineense com seu contexto político, tecido em *Kikia matcho* (2010), de Filinto de Barros. Como resultado, notamos que a aparição de elementos que fazem parte das crenças populares da Guiné funciona como um recurso de denúncia dentro da obra, que aponta para o descarrilhamento do que foi construído e defendido durante a luta pela independência, liderada por Amílcar Cabral.

O princípio de “unidade e luta” e o de “suicídio da pequena burguesia” aparecem fragilizados no romance com a nova administração pós-independência. Esse dado resulta no chamado “desalento do combatente”, que estrutura toda a obra, marcada por um tom acentuado de desilusão. Uma das maiores pesquisadoras da literatura guineense, a professora Moema Parente Augel, classificou esse romance de Filinto de Barros como um: “romance de revisão histórica, pois ali se faz uma releitura do processo de formação social e política da Guiné-Bissau, estabelecendo uma imbricação entre o factual, a memória e a ficção” (AUGEL, 2007, p. 293).

Também a professora Érica Cristina Bispo, importante pesquisadora da literatura guineense, mostra como o discurso de Amílcar Cabral se faz presente em outras obras literárias, “ora por meio de personagens que reproduzem sua fala, ora por denúncias de desencontros entre o que fora propalado ao longo da luta pela independência e a realidade, ora em homenagens diretas” (BISPO, 2020, p. 35).

Neste ano de 2024, é comemorado seu centenário de nascimento, e a importância de seu legado se atualiza. Hoje, a Guiné-Bissau está sob poder de Umaro Sissoco Embaló, lamentavelmente “conhecido como o Bolsonaro da África” (ALMEIDA; SILÁ; SANTOS, 2024) por apresentar semelhanças com o ex-presidente do Brasil por sua postura autoritária, pela defesa da militarização do poder e dos fundamentalismos religiosos e também por ameaçar a democracia guineense. Diante desse infeliz cenário, voltamos à ficção para pensar junto com os ex-combatentes sobre a importância de Cabral, de mantê-lo vivo. Pensando também com os ex-combatentes guineenses, em entrevista para o jornal eletrônico *DW África*, intitulada *50 anos: heróis da luta “esquecidos” na Guiné-Bissau*, publicada no dia 20 de setembro de 2023, temos os seguintes panoramas

Neste momento, um antigo combatente do último escalão recebe 40 mil Francos CFA (um pouco mais de 60 euros). Uma pessoa que perdeu braço e perna receber isto, não pode ser. Os nossos governantes são todos corruptos e quando vão para o Governo não discutem nada do que toca aos antigos

combatentes (SEQUEIRA, 2023, on-line).

O Partido [PAIGC] cumpriu com o programa mínimo, que é a independência, e temos o nosso hino e símbolos nacionais. Mas quanto ao desenvolvimento é zero. Não atingimos a meta traçada por Cabral (PEREIRA, 2023, on-line).

Com isso, destacamos a importância de obras literárias como a de Filinto de Barros que nos dá a ver não só a relação entre literatura e história, mas também sua posição em um lado da história. Ex-combatente do PAIGC, o escritor Filinto de Barros utilizou a literatura como uma ferramenta política de denúncia. Seu enredo se amarra com o discurso atual dos ex-combatentes que sabem que o legado de Cabral não foi sustentado pelo poder. A luta continua, mesmo sem unidade.

Referências

- ALMEIDA; SILÁ; SILVA, Marcos Leitão de, Abdulai, Vanicléia Silva. O silêncio do Brasil sobre a derrocada da democracia na Guiné-Bissau. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 23 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2024/01/o-silencio-do-brasil-sobre-a-derrocada-da-democracia-na-guine-bissau.shtml#:~:text=O%20país%20deve%20dialogar%20ativamente,efetivar%20em%20uma%20verdadeira%20cooperação.>>. Acesso em: 17 de agosto de 2024.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARROS, Filinto. **Kikia matcho**: o desalento do combatente. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.
- BARROS; VAZ, Miguel; Mônica Sofia. **Morte morrida ou morte viva? Viver a morte**: separação entre os vivos e os mortos ou o início de uma nova vida? Buala, Lisboa: 5 de abril de 2020. Disponível em: < <https://www.buala.org/pt/corpo/morte-morrida-ou-morte-vivida>>. Acesso em: 25 de abril de 2024.
- BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Ática, 1990.
- BISPO, Erica Cristina. Cabral vive: a permanência do discurso de Amílcar Cabral na literatura da Guiné-Bissau. **Sintidus**, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12037/1/2%20-%20Erica%20Bispo%20-%20Cabral%20vive%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 17 de agosto

de 2024.

CÁ, Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes. **A construção literária do estado-nação em Angola e Guiné-Bissau: um estudo comparativo entre A geração da utopia e Kikia Matcho**. Dissertação (Mestrado em Literatura, cultura e contemporaneidade) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=52889@1>>. Acesso em 1 de novembro de 2024.

CABRAL, Amílcar. **Alguns princípios do partido**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

_____. **Análise de alguns tipos de resistência**. Bolama: Edição do PAIGC, 1979.

_____. **Manual político do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC)**, 2014. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/cabral/ano/paicg/01.htm>>. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

_____. **Nacionalismo e cultura**. Santiago de Compostela: Laiovento, 1999.

_____. **Partir da realidade da nossa terra. Ser realistas**. Marxistas.org, Califórnia: 3 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/cabral/ano/mes/43.htm>. Acesso em: 24 de agosto de 2024.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993.

COSTE, Marion. Identités afropéennes dans blues pour Elise de Léonora Miano. **Philologia Hispalensis: Revista de Estudios Lingüísticos y Literarios**. N.2, p.17-32, 2020.

GONÇALVES, Manuella Tebet. **O místico e o mágico como elementos de denúncia à traição dos ideais de Amílcar Cabral em Kikia Matcho: o desalento do combatente**. Dissertação (Mestrado em Literatura, cultura e contemporaneidade) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/66433/66433.PDF> Acesso em: 23 de agosto de 2024.

IÉ, Eliseu José Pereira. **Pequena longa viagem da literatura guineense**. Dissertação (Mestrado em Letras vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, Jusciele Conceição Almeida de. "Precisamos vestirmo-nos com a luz negra": entrevista com Florentino Flora Gomes.

OLUPONA, Jacob Obafemi Kẹhinde. **Religiões africanas**: uma brevíssima introdução. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

OTINTA, Jorge de Nascimento Nonato. **Representações do intelectual: um estudo sobre Mayombe e Kikia Matcho**. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-31082012-094358/pt-br.php>>. Acesso em: 1 de novembro 2024.

PEREIRA, Agostinho Roberto. 50 anos: heróis da luta “esquecidos” na Guiné-Bissau. **DW África**, Bona: 20 de setembro de 2023. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/50-anos-de-independência-heróis-da-luta-esquecidos-na-guiné-bissau/a-66871395>>. Acesso em: 1 de novembro de 2024.

SARAIVA, Clara. **Os sítios sagrados no arquipélago dos Bijagós**. Projeto “Bijagós, Bemba di Vida! Ação cívica para o resgate e valorização de um património da humanidade”. Instituto Marquês de Valle Flôr e Tiniguena, 2015.

SEQUEIRA, Manuel. 50 anos: heróis da luta “esquecidos” na Guiné-Bissau. **DW África**, Bona: 20 de setembro de 2023. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/50-anos-de-independência-heróis-da-luta-esquecidos-na-guiné-bissau/a-66871395>>. Acesso em: 1 de novembro de 2024.

MYSTICAL AND MAGICAL A WAY OF DENOUNCING THE BETRAYAL OF CABRALINO IDEALS IN *KIKIA MATCHO*, BY FILINTO DE BARROS

Abstract

The central aim of this article is to analyse the novel *Kikia matcho* (2010) by Guinean writer Filinto de Barros, working on the hypothesis that elements of Guinean cultural tradition are related to the political context addressed in the author's work. Filinto de Barros' narrative deals with the disillusionment of the ex-combatants who led the fight for independence with the arrival of the new government after the 1980 coup, which accentuated the economic and social difficulties suffered by the young nation-state. We will try to demonstrate that the elements of tradition, named in this work as 'the mystical and the magical', function as elements of resistance by denouncing the structure that led to disillusionment.

Keywords

Guinean literature. *Kikia matcho*. Filinto de Barros. Amílcar Cabral. Guinea-Bissau.